

O LUGAR DO PISM NO PLANEJAMENTO DOS PROFESSORES DE QUÍMICA DO CAP. JOÃO XXIII

Priscilla Lúcia Cerqueira de Aragão¹
Andréia Francisco Afonso²

RESUMO

Este capítulo tem como objetivo apresentar e discutir a influência do Processo Seletivo Misto no planejamento das aulas dos professores de Química, do Ensino Médio, de uma escola de âmbito federal, localizada na cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais. Este estudo teve início em 2019, a partir da criação de uma proposta curricular para a área de Ciências da Natureza, após a obrigatoriedade de implementação da Base Nacional Comum Curricular. Durante a criação dessa proposta curricular, houve um amplo debate entre os membros da comunidade escolar, os quais reformularam os objetivos educacionais e de formação dos estudantes. Para investigarmos quais eram esses objetivos uma vez que, certamente, influenciariam na estruturação do currículo escolar, realizamos entrevistas semiestruturadas com os professores de Química do Ensino Médio da referida escola. As respostas foram gravadas em áudio e interpretadas qualitativamente, por meio da Análise de Conteúdo. Identificamos que, mesmo não sendo uma diretriz oficial da instituição, há uma pressão externa pela comunidade de pais e estudantes para que as aulas contemplem o conteúdo programático do Processo Seletivo Misto, restringindo as metodologias de ensino, os materiais didáticos, as aulas práticas e as avaliações. Essa pressão se dá pelo fato de que é forte na cidade de Juiz de Fora, a cultura universitária. Assim, se configura como um dos objetivos de grande parte dos estudantes dessa instituição escolar, ao final da Educação Básica, ter acesso aos cursos de graduação oferecidos pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Contudo, essa preocupação em seguir predominantemente os referidos conteúdos programáticos, evidencia divergências entre

1 Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Química da Universidade Federal de Juiz de Fora - MG, pricerqueira85@gmail.com

2 Professora do Programa de Pós-Graduação em Química da Universidade Federal de Juiz de Fora - MG, andreia.afonso@ufjf.br

os objetivos de aprendizagens indicados pela Base Nacional Comum Curricular e pela própria proposta pedagógica da escola, que visa uma formação humanista.

Palavras-chave: Planejamento, PISM, Química.

INTRODUÇÃO

O planejamento é uma das inúmeras tarefas dos professores. Ele é essencial para o bom desenvolvimento do processo de ensino e de aprendizagem, uma vez que possibilita a previsão de obstáculos que podem influenciar, e até mesmo prejudicar, a dinâmica que acontece nas salas de aula. Diante disso, é preciso considerar que

[...] cada situação complexa é singular/única: a cada ano os alunos são outros, o contexto social é diferente, as tecnologias de apoio são mais aperfeiçoadas e o próprio professor de um ano para outro, não é o mesmo (Moretto, 2014, p. 101).

No contexto da pedagógico, o ato de planejar serve para fornecer aos professores uma prática coerente ao perfil dos estudantes e aos objetivos de aprendizagens, alinhando as práticas educacionais às necessidades dos alunos. Esse alinhamento gera uma experiência educacional mutuamente benéfica tanto para o docente quanto para o estudante. Com relação à instituição, é a escola que assume a responsabilidade de orquestrar metodicamente suas operações, delineando os objetivos e metas que devem ser alcançados ao longo do ano acadêmico (Alves *et al.* 2019).

Logo, o planejamento não é estático e vai se moldando de acordo com o perfil dos estudantes, do contexto em que a escola está inserida e com os objetivos propostos para pela instituição escolar. Assim, a sua estruturação e os aspectos que a ela pertencem podem ser modificados constantemente. Nessa perspectiva, Alves *et al.* (2019) adverte que a instituição de ensino deve buscar adequar os conteúdos às realidades específicas, buscando promover experiências que podem ajudar os professores a alcançarem os objetivos de aprendizagem com os estudantes.

Nesse sentido, as concepções de planejamento e currículo estão muito próximas. O planejamento é uma das formas de colocar o currículo em prática e, portanto, seguem na mesma direção. Contudo, Sacristán (2017, p. 286) adverte que

[...] o plano pedagógico, em geral, e do currículo, em particular, não consiste no exercício de uma técnica em sentido estrito que possa ajustar-se a uma esquematização de um processo no qual se aplica uma norma derivada de um conhecimento rigoroso, mas

é, antes de tudo, a realização de uma prática na qual é preciso deliberar entre opções, considerar circunstâncias particulares da situação na qual se aplica, para a qual não se pode dispor de estratégias rigorosas nem de fundamentos muito precisos.

A partir dessa ótica, é possível afirmar que o planejamento de ensino é um detalhamento do planejamento curricular. Ele concretiza e operacionaliza as estratégias que o professor utilizará em sala de aula, com o intuito de guiar os alunos na conquista dos objetivos educacionais estabelecidos. Sacristán (2017) completa dizendo que o tema planejamento dos professores tem se destacado nas discussões entre os pesquisadores, com grande relevância para a análise de práticas reais e os processos que os docentes seguem, com investigações quanto ao pensamento e processo de tomada de decisões acerca do que os estudantes precisam aprender e como ensinar.

Alves e colaboradores (2019) ao tratarem da importância do planejamento no contexto escolar apontam ser fundamental considerar o tempo, as características dos alunos, suas necessidades e conhecimentos prévios, de modo a estruturar um conjunto de aulas que aborde o conteúdo de forma sequencial e integrada. Uma vez que, o processo de ensino-aprendizagem se desenvolve em fases, a começar pelo estabelecimento dos objetivos, a escolha dos conteúdos, a maneira como estes serão desenvolvidos seguido das ações para a consolidação e avaliação dos conhecimentos.

Um planejamento adequado precisa ser flexível, coerente e funcional, centrado em objetivos claros e adaptados à realidade dos alunos. Os conteúdos selecionados devem estar alinhados aos objetivos e devem focar temas essenciais, de modo que o professor identifique a ideia central de cada conhecimento abordado. O planejamento, portanto, deve permitir ajustes que favoreçam a adaptação a novos enfoques e necessidades que possam surgir ao longo do processo educativo (Moretto, 2014).

Uma dessas circunstâncias consideradas durante o planejamento, é a inserção das avaliações externas e dos processos seletivos no planejamento, uma vez que se considera que o estudante somente estará preparado para esses exames se for treinado para tal. Logo, os professores se veem com a responsabilidade de considerar as questões e itens como recursos didáticos em seus planejamentos.

Mas não só o planejamento que sofre influência das avaliações externas e dos processos seletivos. O currículo também, o que é previsível, uma vez que

planejamento e currículo estão intrinsicamente relacionados. Segundo Bento Júnior; Bento; Ribeiro (2023)

O ENEM [Exame Nacional do Ensino Médio] é responsável pelo direcionamento dos currículos das redes de ensino; mobilização de investimentos individuais, familiares e governamentais; e ampliação das chances de admissão no ensino superior para negros, indígenas e pessoas com deficiência. (p. 19)

Entendendo o currículo como um projeto cultural que se realiza dentro de certas condições escolares, o planejamento das aulas deveria abordar as diversas origens dos estudantes, integrando materiais culturalmente relevantes que refletem suas experiências e histórias. Contudo, confirmamos com os resultados obtidos, o que as pesquisas têm apontado. Nem sempre é possível conciliar um currículo para formação cidadã que desenvolva competências e habilidades individuais, com um currículo que exige a preparação propedêutica de estudantes para exames seletivos para o ingresso em cursos de nível superior em universidades públicas (Manzano, Lopes, 2010).

O ENEM é um processo seletivo, de âmbito federal, para ingressar em um dos cursos de Ensino Superior de instituições públicas e privadas. Entretanto, algumas instituições de Ensino Superior utilizam processos seletivos elaboradas e aplicados pelas próprias, como é o caso do Programa de Ingresso Seletivo Misto (PISM).

Manzano e Lopes (2010) já aprontavam a importância debater a adoção quase obrigatória dos programas de ingresso seriado nas universidades públicas como guia para a organização curricular em escolas de ensino básico. Uma vez que, essa abordagem pode restringir a liberdade dos professores em relação a decidirem o que julgam ser melhor para seus alunos de acordo com as mudanças que podem surgir no contexto escolar. Essa condição pode comprometer a autonomia pedagógica garantida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 Art. 26, e ratificada na Base Nacional Comum Curricular.

Considerando que BNCC e currículos tem papéis complementares para assegurar as aprendizagens essenciais (Brasil, 2018), a autonomia dos professores na elaboração dos currículos, tem um papel fundamental na reflexão, seleção, organização, planejamento, mediação e monitoramento das práticas e interações. O objetivo é garantir a pluralidade de situações que promovam o desenvolvimento pleno dos estudantes. De moto tal que permita ao professor contextualizar os Conteúdos dos componentes curriculares, identificando

estratégias para apresentá-los, representá-los, exemplificá-los, conectá-los e torná-los significativos, com base na realidade do lugar e do tempo nos quais as aprendizagens estão situadas.

Diante disso, houve o interesse em investigar como o PISM influencia o planejamento das aulas dos professores de Química do Ensino Médio do Colégio de Aplicação do João XXIII. A escolha do Colégio se deu em função de ser uma instituição que faz parte da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), responsável pela elaboração e aplicação do PISM.

O PISM será detalhado na próxima seção.

PROGRAMA DE INGRESSO SELETIVO MISTO - PISM

O Programa de Ingresso Seletivo Misto (PISM) é um processo de avaliação seriada da Universidade Federal de Juiz de Fora, estruturado em três módulos consecutivos, graduais e cumulativos, aplicados ao final de cada ano letivo à estudantes do Ensino Médio, que assim desejarem pleitear uma vaga em curso superior.

A participação dos candidatos ocorre ao longo de um triênio, com o Módulo I realizado ao final do 1º ano do Ensino Médio, o Módulo II ao final do 2º ano do Ensino Médio e o Módulo III ao final do 3º ano da mesma etapa.

Segundo a Coordenação Geral de Processos Seletivos (COPESE)³ da UFJF, o PISM busca uma maior interação entre o Ensino Médio e o Ensino Superior, avaliando os conhecimentos dos estudantes ano a ano, de forma cumulativa. Esse formato permite ao candidato aprimorar seu desempenho ao longo das etapas, baseando-se nos resultados de cada módulo para identificar falhas e ajustar sua preparação, sem comprometer seu desempenho geral.

No decorrer do seu desenvolvimento, o PISM vem apresentando atualizações em diferentes aspectos dos seus editais. No atual momento, a UFJF, por meio da Pró-Reitoria de Graduação, enfatiza a necessidade de revisão de uma parte fundamental do edital: o seu programa.

Visando atender às mudanças advindas de legislações educacionais, a matriz do PISM foi reformulada. Entretanto, por ser um processo cumulativo,

3 Website da UFJF. Disponível em <https://www2.ufjf.br/copese/vestibular-pism-2/dicas-e-duvidas/duvidas-frequentes/>. Acesso em 18 Out 2024.

apenas os Módulos I e II, aplicados em 2024, terão questões elaboradas a partir da reformulação da matriz. O Módulo III passará por essa mudança em 2025.

É preciso considerar que o efeito de indução desse processo seletivo sobre o currículo é algo que escapa ao controle de quem está elaborando e participando do processo de elaboração das questões. Por isso, quando a UFJF pautou a mudança no programa do PISM, preocupou-se em fazê-la de forma que representantes tanto da Universidade quanto das redes pública e particulares de ensino participassem desse trabalho (UFJF, 2022, p.6)

O PISM oferece 50% das vagas nos cursos de graduação da instituição, enquanto a outra metade é destinada aos candidatos do Sistema de Seleção Unificada (Sisu). Essa flexibilidade auxilia aqueles que buscam aumentar suas chances de acesso a uma universidade pública, já que é possível participar, simultaneamente, do PISM e do Sisu. Em algumas situações, candidatos aprovados pelo Sisu optam por não ocupar a vaga do PISM (e vice-versa), o que eleva as possibilidades de reclassificação para outros concorrentes.

METODOLOGIA

Na seção, apresentaremos os caminhos metodológicos para a construção dos dados desta pesquisa, os participantes, os documentos que se constituíram como fontes de dados, os instrumentos utilizados para a coleta de informações, assim como, a técnica empregada para a análise dessas.

Entretanto, antes uma breve exposição do Colégio de Aplicação João XXIII.

O COLÉGIO DE APLICAÇÃO JOÃO XXIII: CONTEXTO DA PESQUISA

O Colégio de Aplicação João XXIII (CAp. João XXIII) foi criado em 1965 para atender às necessidades de formação prática dos alunos da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), principalmente, da Faculdade de Educação e dos cursos de licenciatura (Brasil, 2013). A instituição tem também desempenhado um papel fundamental na promoção de uma educação inclusiva.

Atualmente, o CAp. João XXIII conta com cerca de 1100 alunos matriculados, distribuídos em 28 turmas de Ensino Fundamental e nove turmas de Ensino Médio, além de três turmas de Educação de Jovens e Adultos. Dentre os colaboradores, são contabilizados 97 professores e 34 técnicos-administrativos em Educação (TAEs) (UFJF, 2024).

Ao longo dos 59 anos de existência, o CAp. João XXIII consolidou-se, tendo o seu trabalho reconhecido pela qualidade e pelo compromisso com a educação voltada para a formação para a cidadania, com destaque para os seguintes desdobramentos:

- a) ênfase na construção do conhecimento como tarefa primordial da Escola;
- b) valorização dos conteúdos, enquanto patrimônio coletivo - direito de todos, selecionados com vista à sua significação humana e social;
- c) comprometimento com um programa integrado entre as diversas áreas e disciplinas;
- d) subordinação dos métodos e conteúdos, de modo a evitar a simples acumulação de informações;
- e) valorização do trabalho interdisciplinar;
- f) resgate do papel do professor enquanto transmissor do conhecimento sistematizado e enquanto mediador entre esse conhecimento e a sua prática social – tal papel confere-lhe autoridade a ser exercida sem autoritarismo e dele exige compreensão das condições concretas de vida dos alunos.
- g) reconhecimento e aceitação do desafio de levar os alunos independentemente de suas diferenças individuais e sociais, a atingirem patamares mínimo de desempenho, buscando estratégias capazes de fazê-los superar suas limitações. (UFJF, 2024, p.24)

Além do compromisso de oferecer uma formação intelectual de qualidade, o CAp. João XXIII conta com uma estrutura de suporte educacional, o Núcleo de Apoio Escolar (NAE). É um grupo de trabalho multidisciplinar constituído por nutricionistas, psicólogos, assistentes sociais, profissionais da área da enfermagem, integrantes do quadro de TAEs e pedagogos, buscando acolher, orientar e acompanhar as ações educacionais, com objetivo de colaborar com o desenvolvimento integral dos alunos em seu processo de escolarização, tanto no âmbito da aprendizagem quanto no das relações interpessoais (UFJF, 2024).

O ingresso na instituição de dá por meio de sorteios. Para 2025:

Será oferecido, por sorteio, um total de 75 (setenta e cinco) vagas, para o primeiro ano do ensino fundamental, ano letivo de 2025. Estas vagas serão distribuídas em duas modalidades da seguinte forma: a. 71 (setenta e uma) vagas para candidatos de ampla

concorrência; b. 4 (quatro) vagas reservadas para pessoas com deficiência (Brasil, 2024, s/p).⁴

Com esse cenário, o Colégio se configura como um espaço democrático de acesso e permanência de estudantes nas diversas faixas etárias de atendimento, assim como também um local de desenvolvimento de atividades de prática de docência, consolidando-se no campo de estágio dos licenciandos da UFJF (Brasil, 2013; UFJF, 2024). Além disso, tem estabelecido parcerias com outras unidades acadêmicas da UFJF, “além de Projetos de Treinamentos Profissional, Projetos de Extensão e Projetos de Iniciação Científica Júnior, envolvendo bolsistas do Ensino Médio e dos cursos de Graduação” (UFJF, 2024, p. 25). Com esse cenário, o CAp. João XXIII se mostrou um campo propício para realização deste trabalho.

CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Para alcançar o objetivo proposto, indicado na Introdução, conduzimos uma pesquisa de abordagem qualitativa, baseada em uma perspectiva naturalista e interpretativa. Essa abordagem permite que o pesquisador estude os fenômenos em seus contextos naturais, interagindo diretamente com o ambiente analisado. O foco recai mais sobre o processo de investigação do que sobre os resultados, buscando captar as percepções e significados atribuídos pelos participantes (Bogdan; Biklen, 1994; Denzin; Lincoln, 2006; Lüdke; André, 2020). Dessa forma, a pesquisa interpreta os fenômenos a partir da visão dos participantes, atribuindo sentido às suas experiências e percepções. A partir da perspectiva qualitativa, a análise e a compreensão do fenômeno são realizadas de forma aprofundada (Denzin; Lincoln, 2006).

Dentro da abordagem qualitativa, a pesquisa também pode ser caracterizada como Estudo de Caso. De acordo com Yin (2015, p.2), um estudo de caso pode ser definido como uma metodologia de pesquisa que “investiga um fenômeno contemporâneo (o “caso”) em seu contexto no mundo real” e, por isso, contribui de modo significativo para a compreensão dos fenômenos “individuais,

4 Disponível em https://www2.ufjf.br/joaoxxiii/wp-content/uploads/sites/470/2024/09/edital_1_ano_2025_final_21-09-2024_assinado-2.pdf Acesso em 26 de outubro de 2024

grupais, organizacionais, sociais, políticos e relacionados” (p. 4), além de possuir uma ampla capacidade de lidar com a diversidade de evidências oriundas de “documentos, artefatos, entrevistas e observações” (p. 13), o que caracteriza a investigação que foi realizada.

Dentre as fontes de dados citadas, utilizamos as entrevistas semiestruturadas. Para Lüdke e André (2020), a entrevista se mostra como uma ferramenta básica para a coleta de dados dentro da perspectiva da pesquisa qualitativa. As autoras destacam ainda que a vantagem da entrevista, sobre outras técnicas, é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos.

Para a realização das entrevistas semiestruturadas, convidamos os três professores de Química, que lecionavam no Ensino Médio, do CAp. João XXIII no ano de 2023, sendo que um deles não era efetivo no quadro de funcionários. Para preservar suas identidades, utilizamos códigos para identifica-los, sendo eles: P1, P2 e P3.

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas durante o mês de setembro de 2023, de forma presencial na sala da coordenação do CAp. João XXIII, com um dos professores e também de forma remota pelo Google Meet, com os outros dois. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio e vídeo para posterior transcrição.

As transcrições foram interpretadas seguindo os princípios da Análise de Conteúdo (Bardin, 2016), das quais retiramos unidades de registro que foram categorizadas. Para tal, criamos categorias *a priori*, relacionadas ao nosso objetivo. São elas: Finalidades do Ensino Médio, PISM, Conteúdo Programático.

Os resultados e a discussão dos dados serão apresentados a seguir.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos três professores de Química entrevistados, apenas P2 cita uma definição de um dos tipos de planejamento, o anual. Em sua resposta, identificamos que um planejamento anual é composto por diferentes aspectos, tais como: conteúdos programáticos, número de aulas, metodologia das aulas e avaliações, o qual a docente compara com o cronograma.

Nesse sentido, planejamento e currículo parecem estar relacionados, porém, planejar é uma ação mais complexa, como afirma Sacristán (2017, p. 282):

Planejar a prática é algo mais amplo que atender aos objetivos e conteúdos do currículo, porque supõe preparar as condições de seu desenvolvimento, uma vez que também se atende a este. É concretizar as condições nas quais se realizará o currículo, e isso supõe estabelecer uma ponte para moldar as ideias na realidade, um elo que liga as intenções e as ações.

Para P2, essa distinção não está clara:

[...] eu não consigo distinguir, porque para mim o currículo e o planejamento está assim, juntos. Parecia assim, quando [...] eu vejo como o aluno está indo, se ele está aprendendo ou não. E aí, eu mudo o que havia planejado, mas, se eu mudo algo que estava planejado, eu também estou mudando o meu currículo. Eu fiquei pensando: eu estou falando de planejamento ou de currículo?

A diferença precisa ser esclarecida, uma vez que o planejamento tem a sua importância, sendo ele um guia para o bom desenvolvimento das aulas e do alcance dos objetivos propostos para cada turma da Educação Básica.

Com relação ao planejar, podemos afirmar o seguinte: o planejamento é um roteiro de saída, sem certeza dos pontos de chegada. Por esta razão, todo planejamento busca estabelecer a relação entre a previsibilidade e a surpresa (Moretto, 2014, p. 100).

Para que as surpresas não se tornem desafio e obstáculo no ensino e na aprendizagem é preciso que todos os aspectos do planejamento sejam elaborados com atenção e “o professor precisa planejar sua atividade pedagógica, procurando responder às perguntas: por que, em que condições e com que recursos” (Moretto, 2014, p. 100). O questionamento era presente durante o planejamento e desenvolvimento das aulas de P1:

[...] eu sempre brinco que o meu pânico era, toda vez que ia dar aula para o terceiro ano [do Ensino Médio], eu ter que ensinar acilação de Friedel-Crafts, porque eu ficava me perguntado: Para que eu estou ensinado acilação de Friedel-Crafts? E para que eu estou ensinando ozonólise de alceno? Para que que eu estou ensinando isso? Eu que sou químico há quase quarenta anos, nunca fiz uma reação dessas.

Esses questionamentos estão relacionando aos objetivos de aprendizagem. O que se espera que os estudantes aprendam? Por que devem aprender?

Qual a forma mais adequada para a aprednizagem? Os questionamentos tornam-se um guia para a construção de todos os tipos de plano.

Entre os aspectos a serem contemplados no planejamento, percebemos que o PISM ganha um papel de destaque por ser um processo seletivo para o ingresso em um dos cursos de graduação da UFJF. Quando questionamos se os professores de Química do Cap. João XXIII utilizavam o PISM no planejamento das aulas, as falas dos três professores evidenciaram a significativa influência do processo seletivo nas suas abordagens didática:

[...] o que o Colégio utiliza mesmo é mais relacionado à questão do PISM, do ENEM. Toda essa questão mesmo (P1)

[...] os conteúdos que vão ser ministrados no primeiro ano [do Ensino Médio], são os conteúdos que caem no PISM I, os conteúdos que vão ser ministrados no segundo ano são os conteúdos que caem no PISM II. Isso é uma recomendação que os professores do Ensino Médio fazem, e o professor segue isso ou não (P2).

Para ser sincero eu me guio mais pelo programa do PISM do que pela BNCC. Não é uma coisa imposta não, é um acordo que a gente faz, que sempre existiu na escola, de facilitar aos alunos que passam pela escola o ingresso na universidade (P3).

A condição da presença do PISM no planejamento dos professores de Química é vista como algo negativo por P1:

No Ensino Médio, eu penso que a gente continua preso às questões dos concursos. E isso engessa. Eu acho que deu uma liberdade para os professores de Ciências que atuam do sexto ao nono ano, mas, o Ensino Médio, ele continua engessado [...]

Além disso, é preciso considerar que

[...] o Ensino Médio não tem o objetivo de preparar o aluno para o vestibular e isso eu falo todo dia com os meus alunos, mas, ele tem que dar condição do aluno continuar os seus estudos, né? Para onde ele quiser continuar, ou se não, para ajudá-lo enquanto cidadão, cidadão crítico, para pensar nas coisas a partir da ciência, ver e tomar decisão sobre a vida dele (P2).

Estar preso às questões de concursos, vestibulares e processo seletivos de forma geral se dá pelo fato de que as instituições escolares, não somente o Cap. João XXIII veem a necessidade de preparar os estudantes para os processos

seletivos. Essa preparação acontece na forma de treinamento, já que não requer o desenvolvimento da criticidade, como se acredita.

O uso dos vestibulares é marcado por um caráter mecanicista, que exigia dos candidatos a memorização de conteúdos a fim de escolher aqueles que possuíam maior desempenho para ocupar as cadeiras das universidades (Bento Júnior; Bento; Ribeiro, 2023, p. 3).

E, de acordo com P1,

[...] isso não tem o menor sentido. Para que eu estou ensinando essas coisas? Quer dizer, tem. Isso é um ensino conteudista que vai cair numa prova. E que o menino vai escrever isso lá, não faz a menor ideia porque ele está escrevendo aquilo, né?

Mas, “se você tem a possibilidade de trabalhar a Química de uma forma diferente, mais integrada, mais voltada para o estudante, eu acho que é muito mais interessante” (P1).

Apesar do programa do PISM estar presente no planejamento dos três professores, parecendo ser uma regra, “a forma que o professor vai desenvolver isso, como vai ser, a ordem que vai ser seguida, isso daí cada professor que decide. Eles [gestão escolar] sempre deixaram muito aberto [...]” (P2). Além dessa autonomia na forma de condução das aulas, P1 vê nos itinerários formativos, que surgiram com a implementação do Novo Ensino Médio, um caminho para desenvolver o processo de aprendizagem sem as amarras do PISM.

[...] eu acho que essa questão dos itinerários, eu acho sim que eles têm uma possibilidade, se eles forem bem trabalhados, você tem uma possibilidade de fugir um pouco dessa coisa engessada do programa do PISM.

Uma dessas possibilidades de trabalho, citada por P2, se dá nos itinerários formativos que acontecem na perspectiva da interdisciplinaridade.

Alguns professores falam com os alunos: O conteúdo é o mesmo. O PISM que vocês vão fazer vai ser igualzinho, independentemente de você estar no Itinerário de Humanas, de Matemática ou de Naturais. Vai ser o mesmo. E eles falam: O conteúdo não vai mudar? O que vai mudar? As formas como vocês vão ser avaliados.

Sacristán (2017) destaca alguns resultados de pesquisas sobre o tema e dentre os mais relevantes ressalta dois pontos básicos que coincidem com a fala

de P2, que são as considerações em torno dos conteúdos e as relativas ao planejamento das atividades. O autor afirma que

decidir sobre o primeiro supõe aceitar o significado dos conteúdos, selecionar as atividades supõe optar sobre o processo de aprendizagem possível, sobre o ambiente escolar geral, sobre a organização desse processo, sobre o papel que os professores desenovem. (p. 296)

Nesse sentido, Os itinerários para P1 e P2 abrem possibilidade de abordar os conceitos químicos de forma não mecanizada, porém, visando preparar os estudantes de forma que consigam resolver as questões do PISM, ingressarem no Ensino Superior e alcançarem os objetivos propostos para o Ensino Médio.

Portanto, para P1, P2 e P3, o PISM não pode ser desconsiderado no planejamento, sendo a sua abordagem uma expectativa dos estudantes e seus responsáveis, porém, a metodologia para a sua prática em sala de aula pode ser diversa e planejada para que a aprendizagem não seja mecanizada.

A análise dos depoimentos dos professores revela como o planejamento de aulas de Química no Ensino Médio está fortemente condicionado pelas exigências do PISM, sendo este frequentemente adotado como referência curricular. Embora os docentes reconheçam a importância de um planejamento anual que contemple conteúdos programáticos, metodologias e avaliações, há uma tensão entre essa organização e a necessidade de atender aos objetivos formativos mais amplos da BNCC. Sacristán (2017) sugere que planejar é muito mais que atender a um currículo específico; trata-se de adaptar a prática educativa ao contexto dos alunos e às intenções educativas, criando uma ponte entre currículo e realidade. No entanto, conforme P2 menciona, a distinção entre planejamento e currículo nem sempre é clara, especialmente em um ambiente onde o processo seletivo desempenha um papel central.

Apesar de os professores tentarem manter a autonomia na abordagem dos conteúdos, há uma sensação de que o PISM pode limitar as possibilidades pedagógicas, tornando o ensino mecânico e focado no treinamento para o exame. P1 e P2, por exemplo, veem nos itinerários formativos do Novo Ensino Médio uma oportunidade de flexibilizar essa abordagem, promovendo uma aprendizagem interdisciplinar e menos conteudista. Ao buscar integrar os objetivos do PISM com a formação integral proposta pela BNCC, os docentes pretendem preparar os alunos não apenas para a prova, mas também para uma participação crítica e autônoma na sociedade.

Contudo, o PISM continua a ser um referencial inevitável no planejamento de aulas, atendendo às expectativas dos alunos e seus responsáveis quanto ao ingresso no ensino superior. Esse equilíbrio entre preparação para o processo seletivo e desenvolvimento de uma formação integral é um desafio constante para os professores do Colégio de Aplicação João XXIII, que buscam adaptar metodologias para evitar que a aprendizagem se torne meramente mecanizada, mantendo-a relevante e significativa para os estudantes.

Sendo assim, ponto que requer consideração é a chance de fortalecer o aspecto propedêutico do ensino médio, correndo o risco de que cada uma das três séries se torne um cursinho preparatório para o vestibular. Isso poderia desvirtuar o objetivo primordial dessa etapa educacional, que é o desenvolvimento do aluno como ser humano, sua formação ética, autonomia intelectual, pensamento crítico, além de prepará-lo para o mercado de trabalho e fomentar competências que permitam a continuidade de seu aprendizado (Brasil, 1996; Brasil, 2018).

Mas, ao emergir na visão de P1 e P2 a potencialidade da abordagem interdisciplinar dos conteúdos do PISM através do sistema de organização dos itinerários formativos no ensino médio, concordamos com Lück (2013) que essa perspectiva dos professores é importante para cultivar uma atitude voltada para a superação de visões reducionistas do conhecimentos proposto pelo Programa do PISM. Emergindo nesse processo, o desenvolvimento da consciência e de ações para produção de um conhecimento contextualizado e significativo ao estudante, “interligando teoria e prática, estabelecendo relação entre o conteúdo e a realidade escolar (Lück, 2013, p. 25).

Diante dos achados dessa pesquisa percebemos que a influência do conteúdo programático do PISM sobre o planejamento dos professores de química do CAp. João XXIII, os conduz a uma contínua reflexão do processo de planejamento das aulas, de modo que através das falas de P1, P2 e P3, conseguimos identificar que os professores ao identificar possíveis obstáculos na aprendizagem, são levados a racionalidade pedagógica que os direciona a buscar metodologias de ensino coerentes a intencionalidade, ou seja, trabalhar os conteúdos do PISM a partir do desenvolvimento de competências conforme orienta a BNCC.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vale ressaltar que a tarefa de planejar é essencial, pois é a partir dela que encontramos uma saída para alcançar mudanças significativas, que, no contexto escolar, facilitam a ação do professor em todos os níveis e modalidades de ensino.

O planejamento é importante, desde que, na sua elaboração, os principais autores saibam relacionar os conteúdos com a realidade educacional. O plano não deve estar desvinculado das relações que há entre a escola e a realidade do estudante, no sentido de buscar novos caminhos, cujo objetivo é transformar a realidade existente.

Dentro dessa realidade, estão os processos seletivos para o ingresso em cursos de Ensino Superior. Como parte dos estudantes almejam, ao longo do Ensino Médio, prosseguir com os estudantes em um curso de graduação, eles esperam estar preparados para a realização das provas. Essa preparação acontece nas diferentes disciplinas que integram o currículo escolar.

Esse fato nos desperta para um cuidado que deve ser tomado: os processos seletivos podem se sobressair na orientação da elaboração dos currículos escolares em relação aos documentos do governo federal, como a Base Nacional Comum Curricular. Logo, os conteúdos presentes nas matrizes desses processos podem ser considerados mais relevantes do que outros que não estão.

Dessa forma, os processos seletivos podem ocupar um espaço considerável nos planejamentos, especialmente, daqueles dos professores de Química do CAP. João XXIII, que é uma instituição vinculada a UFJF, responsável pela elaboração e aplicação do PISM.

Mesmo sendo imprescindível a inserção desse processo seletivo no planejamento, os docentes buscam formas de não tornar a aprendizagem mecanizada, mas que os conteúdos estejam próximos do contexto dos estudantes para que estes sejam capazes de mobilizá-los em diferentes situações.

REFERÊNCIAS

ALVES, Jucinara Ferreira; OLIVEIRA, Gerlândia Beatriz Teobaldo de; SOUZA, Maria Gabriella Barbosa de; SILVA, Maria Luiza Gonçalves da. **A importância do planejamento escolar para a atuação em sala de aula.** Anais VI CONEDU. Campina

Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em: <https://mail.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/58499>. Acesso em: 27/10/2024 20:04

BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Disponível: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 22 out. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Base nacional comum curricular. Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/historico>. Acesso em: 20 Out. 2024.

BENTO JÚNIOR, Genival Souza; BENTO, Bráulio Ferreira Souza; RIBEIRO, Uriana Fernandes Curcino. Uma timeline do Exame Nacional do Ensino Médio: um olhar sobre a influência do enem na educação pública. **Revista Café Com Sociologia**, Alagoas, v. 17, n. 12, p. 01-22, nov. 2023.

BOGDAN, Robert.; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação. Gabinete do Ministro. **Portaria nº 959**, de 14 de maio de 2013. Brasília, 2013.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Artmed, 2006.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. Eliza Dalmazo Afonso de **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. Rio de Janeiro: E. P. U., 2000.

LÜCK, Heloísa. **Pedagogia Interdisciplinar: fundamentos teóricos-metodológicos**. 18. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2013. 71 p.

YIN, R. K. **Estudo de Caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2015.

MANZANO, Maíra Elias; MANZANO, Maíra Elias. CONTEÚDOS DE BIOLOGIA EM VESTIBULARES SERIADOS. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 40, n. 139, p. 199-211. Jan/Abr, 2010.

MORETTO, Vasco Pedro. **Planejamento**: planejando a educação para o desenvolvimento de competências. 10. ed. Petrópolis-RJ. Editora Vozes, 2014.

SACRISTÁN, José Gimeno. **O Currículo: uma reflexão sobre a prática**. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2017. Tradução de: Ernani F. da Fonseca Rosa. 352p.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA. **Agenda 2024: Colégio de Aplicação** João XXIII. Direção do CAp. João XXIII/UFJF. Juiz de Fora, 2024. 124 p.